

Rui Zink

**O amante é sempre o último a saber**

Rui Zink

**O amante é sempre  
o último a saber**

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO  
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Rui Zink

© 2011, Planeta Manuscrito

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Lúcia Pinto

1.ª edição: Setembro de 2011

Depósito legal n.º 332 993/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-229-7

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)

## Índice

Etiqueta .....	13
Autocontrolo.....	61
Carácter .....	165
Espírito.....	217
Sinceridade .....	273

*Viveu ha muito tempo no Japão um feliz casal de gente rustica, modelo de virtudes conjugaes; eram elles, os dois, e uma filhinha, o seu encanto.*

*O povo varreu já da memoria os nomes d'essa gente; não admira, quando se pense que tantos seculos passaram.*

WENCESLAU DE MORAES

*Porque o único sentido oculto das coisas  
É elas não terem sentido oculto nenhum*

ALBERTO CAEIRO

## Contagem ainda a zeros

Descobri, um pouco tarde, que afinal todos os meus livros são histórias de amor. Só que as daninhas estavam tão bem disfarçadas que eu próprio não tinha reparado. Às vezes, amor entre duas pessoas, outras de amor entre uma pessoa e uma ideia. Idalina enamora-se por «uma dança sem música». Sam Espinosa apaixonou-se por uma mulher uns anitos mais velha (duzentos, coisa pouca), Greg quase é salvo da perdição por uma sócia de Angelina Jolie. O amor está no ar e também, como diria um poeta, o amor está no mar. O amor não salva, nunca salva, mas alguém tem uma ideia melhor?

Tão sensacional descoberta levou-me a cogitar no seguinte: e qual será a melhor forma de amar? Carente de modelos reais na vida humana, decidi procurá-los na natureza. Com a ajuda da televisão, claro, Canal Odisseia, National Geographic, Canal Panda, essas coisas. Pode-se lá chegar à natureza, nos dias que correm, senão pela televisão! Três rolos modelos logo me saltaram à vista: o Amor do Louva-a-deus; o Amor do Cisne; o Amor do Urso Polar.

Após alguma esmiucação, concluí que qualquer um me parece bem, e tem as suas vantagens e desvantagens.

No romance do louva-a-deus, a fêmea devora o macho depois da cópula. É natural, toda a gente sabe que a gravidez estimula o apetite. E seria bem pior se ela o devorasse antes da consumação.

O cisne acasala para a vida. É bonito. Lembra certos parzinhos que encontramos sobretudo na noite boémia, muito perfeitos, muito

encapsulados, o mundo é deles, o mundo são eles. Gosto, mas como nunca experimentei sinto-me sempre um bocadinho do outro lado da vitrina, a definhar de inveja.

Pronto, confesso. O que, esse sim, me toca profundamente é o amor do urso polar. É esquivo, dura pouco – pelo menos a parte do encontro. Urso polar e ursa polar namoram e acasalam brevemente, e logo se apartam, cada um para seu lado, para todo o sempre, a fêmea talvez com uma cria, o macho continuando a sua caminhada, glaciares fora, de nenhures em direcção a nenhures.

Vai solitário e triste, o nosso urso? Talvez. Eu gosto de pensar que vai de coração cheio, e que a brevidade do encontro é compensada pela intensidade da memória. Tanto quanto sei, não há ursos com Alzheimer.

*[Lisboa, no ano de todos os perigos]*

# [Etiqueta]

礼儀を重んずること



## Manhã submersa

Estavam a editar o discurso na Câmara de Comércio e Amizade Portugal-Japão e que acabou, com alguma surpresa, por ser também o anúncio de despedida de Teresa V. F.:

«É mito que o metro de Tóquio esteja sempre cheio, a abarrotar, multidões empurrando-se para dentro das carruagens até ficarem mais comprimidas que roupas de viagem numa mala sobrecarregada (sempre sobrecarregada, o diabo da mala) que queremos, por insensatez, levar à força na cabina. Alguém deve estar a confundir aquele meio de transporte com um concerto rock, ou uma peregrinação religiosa daquelas que acabam mal, corpos inanimados calcados pelas infinitas patas do monstro cego e desumano em que se torna o colectivo quando em pânico ou, simplesmente, com pressa de apanhar o comboio. Nada de mais errado. Na sua tripla articulação entre linhas públicas, privadas e comboios suburbanos, o tentacular e magnífico metro de Tóquio raramente coloca os vinte milhões diários de passageiros em perigo. É muita arte. É, também, muita indústria e, ao contrário do que se possa pensar, muito respeito pelo espaço do outro. Uma compreensão sábia e feliz de como partilhar um destino respeitando a privacidade de cada um.»

*(Palmas vagas.)*

«Por isso digo: temos muito a aprender com o Japão. Temos, sobretudo, que aprender a recordar. Porque o futuro não se constrói

sem memória. Sem memória, pensando construir o futuro, estamos apenas a repetir os erros do passado que, esses sim, passávamos bem sem eles. Temos de aprender a lembrar-nos daquilo que já esquecemos. Das qualidades que tivemos e que, no calor e no frio da jornada, perdemos – como na história, triste, da mãe que deita fora o filho com a água do banho. Temos de recordar-nos, isso sim, daquilo que, em nós, está adormecido, mas pode (há que ter esperança) ser de novo acordado. E eu tenho esperança, sou uma mulher de esperança. Temos de tornar de novo o nosso país o espaço do *nós*. Em vez do lugar do eu eu eu eu eu.

«Por que razão comparo o Japão, país tão distante, com Portugal? Porque temos em comum mais do que pensamos. São dois países no extremo de continentes. Dois, digamos, arquipélagos, já que Portugal nunca se deu bem com o facto de ter por vizinho um gigante falando uma língua de trapos. Ou várias.»

*(Risos médios.)*

«Já o Japão é... É o quê? Eu digo-vos o que é: o Japão é um país a brincar ao futuro. Em comparação, Portugal parece, tantas e tantas vezes, não vou dizer um brinquedo partido, há muito abandonado, mas um país equivocadamente prisioneiro do passado. O que penso eu então? O que penso é muito simples. Sou uma mulher de acção e de pensamentos simples. A vida já é complicada o suficiente sem precisar da nossa ajuda. Penso que ambos ganharíamos em convergir numa mesma direcção: a construção de um presente comum, no qual cultura e tecnologia andem de mãos dadas, e não de candeias às avessas.»

*(Auditório hesitante, burburinho, algumas palmas, indeciso em como interpretar o atavismo da expressão «candeias às avessas».)*

«Temos tendência para ler mal os sinais. Lembro apenas: o conceito ilumina, o preconceito obscurece. Ler os sinais é preciso. Ler os sinais para desenhar um novo mundo.»

*(Aplausos médios.)*

«Sim, temos muito, nós, a aprender com o Japão. Quando vemos a imagem de uma mulher na rua com uma máscara sobre

o nariz e a boca, o vulgo pensa que essa mulher traz a máscara por causa da poluição, para se proteger do ambiente hostil. Puro engano: a máscara que esta mulher porta é, no Japão, quase sempre para proteger os outros. Ela leva a máscara no rosto e na alma porque está doente, sente-se fraca, mas quer à mesma trabalhar, ser útil à comunidade, e deseja fazê-lo sem contagiar os outros. O que nós, ocidentais, interpretávamos como egoísmo era, afinal, altruísmo.»

*(Aplausos razoáveis.)*

«E o Japão também tem muito a aprender connosco. Já não falo só da nossa fantástica doçaria conventual, fruto de uma sabedoria milenar. Estamos numa época que desdenha da religião, mas em verdade vos digo: no que toca aos momentos doces da vida, os frades e as freiras dos conventos sabiam-na toda.»

*(Risos francos.)*

«Falo também de aspectos práticos onde a nossa arte de viver tem algo a acrescentar à ciência económica. Há quem diga que a vida é simétrica. Em círculo. Não tanto assim. Essa do «círculo da vida» não pega, embora esteja morna. A vida é uma espiral. Dito de outra maneira: queiramos ou não, voltamos sempre ao local do crime, só que não exactamente ao local do crime.»

*(Risos menos francos.)*

«É por isso que aqui estou uma vez mais, junto de vós, para vos dizer: vou enfim retirar-me da vida política.»

*(Burburinho de espanto.)*

«Não, por favor, não façam esse ar de desapontamento. Eu sei que, na verdade, muitos de vós até estão aliviados.»

*(Risos não muito convincentes.)*

«Mas para quê falar já em despedidas? Digo-vos então, se isso vos consola, uma coisa que na minha juventude (já lá vão, pobre de mim, mais anos do que eu gostaria admitir) se dizia, quando na estação de comboios nos despedíamos dos amores de Verão: não é uma despedida, é só um até à vista.

«Até à vista, então. E isto não é uma promessa. É mais do que uma promessa. É uma ameaça.»

*(Risos, palmas, ovação de pé.)*

O realizador disse para o operador:

– Vês? Aprende. Esta mulher é uma artista. O verdadeiro animal político.

– Mas ela acaba de dizer que se vai retirar...

– Estás a brincar? Pode lá ela viver sem isto. Aposto singelo contra dobrado em que, dentro de uns oito ou nove meses, se está a candidatar.

– A sério?

– Só que, desta vez, à presidência.

– De Portugal?

– Estás parvo? Isso não interessa nem à mãe do menino Jesus.

– À presidência da Comissão Europeia?

– Bingo.

– Achas mesmo?

– E não me admiraria nada se ela conseguisse. Para uma mulher da geração dela chegar onde ela chegou tem de ser mais águia e tigre e leão e serpente que vinte mafiosos juntos. E não esquecer cabra.

## Vinte piscinas

Ainda ágil era a mulher, disso não havia dúvida. E tinha uma rotina: vinte piscinas todas as manhãs, fizesse chuva ou sol. Não que chuva/sol fossem problema – a piscina era coberta e o ginásio no mesmo edifício que o duplex da mulher. Ela não nadava por vaidade, nadava por disciplina. Manter um corpo saudável fazia parte do método: ajudava-a a concentrar-se, tornava-a mais resistente às doenças, mais eficiente. Esta mulher geria o seu corpo, não «como um templo», antes como uma máquina que, para evitar desgastes, devia ir regularmente à manutenção.

Ainda assim, a água era o que, na sua actual vida, mais se assemelhava a um prazer. Por momentos, podia perder-se na água, ficar opaca a todo o mundo exterior. A água era um excelente condutor de electricidade, germes e outras interacções. E, enquanto fazia as piscinas, cada braçada aproximava-a mais do seu objectivo, sem contudo a afastar mais do ponto de partida. Era um pouco como estar num rio, a nadar de margem para margem. Inútil, na direcção errada mas, de alguma forma, estranhamente consolador. Mecânico também. Mecânico era uma coisa boa, nas actuais circunstâncias.

Apesar de ter deixado há meses quaisquer funções executivas, ela continuava a trabalhar. Sim, mesmo no ginásio. O único momento em que quase desligava era quando estava na água. Quase. Mas, na passeira rolante, ela aproveitava para estudar dossiês enquanto

caminhava em direcção nenhuma; e os auscultadores não emitiam música ligeira, apenas actualizações da evolução matutina dos mercados financeiros. E só não lia documentos secretos enquanto fazia Pilates porque a bola insuflada era ciumenta e não o permitia.

A mulher já não era nova – em compensação era enxuta de carnes, como diziam os escritores do século XIX. Aquilo que poderia ter sido uma desvantagem em nova – a escassez de peito e rabo – tornava-se agora, aos cinquenta, uma significativa vantagem competitiva. Até nisso a mulher era manhosa.

Contudo, tanto gigolôs como homens de negócios mantinham instintivamente a distância de um cordão sanitário. E não era só por ela já não integrar o cubículo (restrito) das Jovens Desejáveis. Nem por a reconhecerem dos ecrãs e ficarem de sobreaviso. Sim mas não só. Era sobretudo por pressentirem que se dariam mal caso a incomodassem. Para além de não terem a certeza se ela não teria por perto um dos seus guarda-costas – ou do que estariam as câmaras a registar.

Mesmo em nova era rumorada uma dama de ferro, uma magnólia de aço, uma estátua de bronze, crua como uma liga metálica. Sabia-se que, mais velho, o marido morrera há muitos anos. Sabia-se também que, antes de se dedicar aos «assuntos de Estado», já ela era abonada. Um filme a glorificar um assassino immortalizara a frase «Primeiro consegues o dinheiro, depois o poder, depois a mulher». Bem, mulher era ela, pelo que a ordem dos factores no provérbio ficava desde logo algo invertida. *Dinheiro → poder → mulher?* Não batia certo.

Alguém que investigasse minimamente esta *Cidadã Quem* não conseguiria descobrir ninguém de quem ela gostasse mesmo – um qualquer afecto que representasse brecha, falha que fosse na sua armadura. Um momento. Rebobinemos. Ah, sim, parecia haver um filho. Um filho invisível. De qualquer modo, já crescido. Havia rumores de que estivera preso pelas Tailândias, ou algo do género.

*Preso por...?*

*Nada, nada. Cala-te boca, que a gaja ainda nos ouve.*

*Não ouve nada.*

*Ouve.*

*Nós estamos a falar baixinho.*

*Sabes lá, pá. Lembra-te do provérbio japonês: quem sabe se a sopa está boa é quem a come, não quem a faz. Tanto quanto sei, esta tem superaudição e afins. Nem imaginas as coisas que se diz que ela conseguiu armar contra inimigos & adversários.*

Mas do que ela gostava mais (gostar talvez não fosse a palavra) era de: nadar. Mergulhar na água morna e deslocar-se de um lado para o outro propulsionada pelos próprios braços e pernas. Estar dentro de água relaxava-a – e também a punha alerta. Aqui talvez conviesse citar um filósofo francês com barba francesa, Bachelard, por exemplo: *a água como mãe de todas as cousas*, a água-mãe, a água na qual nadámos antes de nascermos, a água na qual todo o humano está submerso antes de escorregar colo do útero abaixo até ao sempre desapontante mundo exterior.

De acordo com a teoria, quando mergulhávamos na água, o nosso corpo lembrava-se desse tempo antes do tempo. Esse tempo onde, pelo menos nas últimas oito semanas (oito, o número da sorte do infinito), estivemos a sonhar, pensar, a viver; nadando de olhos fechados? Talvez. Mas de olhos fechados vendo tudo o que havia de interesse para ver. Ainda dentro da nossa mãe, mas já autónomos. Seres independentes, um universo dentro de outro universo, ligados apenas por um cordão umbilical.

(Presentindo já que até esse mesmo elo será, em breve, quebrado.)

## A onda Hokusai

Apartamento amplo, elevador privado abrindo directamente para a sala de estar, um propositadamente minúsculo quadro monocromático numa enorme parede lisa, frente a uma varanda, as outras paredes em compensação polvilhadas de serigrafias de pintores relativamente conhecidos, móveis de bom gosto combinando o antigo com o moderno. Uma escrivaninha oriental, com jade verdadeiro incrustado. *Aqui não entra IKEA, só Kenzo e Miyake!* – pareciam móveis, quadros, molduras, jarras gritar. Ou não, não gritar, que as pessoas educadas não gritam. Gritar é para quem não tem poder, para quem precisa de se pôr em olhos de bicos de pés para olhar o mundo. As pessoas (ou os móveis) com poder real não gritam: as pessoas com real poder apenas se limitam a dizer (e em voz baixa, só para quem tiver pavilhões dourados nas orelhas douradas) aquilo que têm para dizer.

Atravessada a sala de estar, dois longos sofás creme em L, entreaberta uma porta de correr, chegava-se a um escritório mais desarrumado, a desarrumação sendo a condição para um escritório ser escritório: mesa pesada, tampo de vidro, pilha de papéis num lado, nas paredes livros até ao tecto. A três quartos da mesa, esguio, elegantemente negro, um ecrã de computador, em ângulo recto com um teclado ergonómico.

A meio da parede mais escura, sob uma gravura de uma onda estilizada, em cima de um pedestal colocado para o efeito, um



aquário com iluminação própria, como se guardasse uma jóia. Não guardava jóia alguma, apenas dois peixes, pequenos, bonitos, alaranjados. Duas jóias móveis, diriam alguns. Natureza controlada, mas em perpétuo movimento. Havia algum humor ali por parte do designer de interiores: o aquário sob a onda. Só faltaria a gravura emoldurada ser de Pompeia à beira do Vesúvio. Não era. Era quase.

Sentada, folheando um documento, óculos de leitura a meia cana, a senhora da casa.

*Ah, mas como se sabe que é a senhora da casa?* – poderia alguém perguntar. A resposta? Porque sim. Porque há gente dotada, de nascença, da marca da autoridade. Ou, mesmo que não fosse de nascença, gente que trabalhou tanto esse seu traço adquirido até um dia ele (o traço adquirido) se lhe transmutar em traço distintivo natural, passar a fazer parte (integrante) da sua identidade, prótese embutida no osso. Vinha nos livros: a diferença entre cultura e natura? Mínima. Uma podia facilmente passar pela outra, se trabalhada com intensidade suficiente. Como os destroços de navios naufragados que, com o tempo, se tornavam corais em torno dos quais a vida submarina florescia. O cultural passar por natural – e vice-versa. O adquirido passar por inato – e vice-versa.

O mordomo, porque isto era uma casa a merecer mordomo, bateu à porta do escritório. Não houve resposta. E, não havendo resposta (a ausência de resposta sendo a resposta), o mordomo entrou, envelope na mão.

– Chegou isto para si, doutora. Do Japão.

A *doutora* abriu o envelope, com uma faca de abrir envelopes, muito bonita (a faca), o cabo trabalhado (a faca), a lâmina reluzente (a faca, a faca, a má da faca de cortar papel).

O mordomo atreveu-se a preencher o espaço sonoro vazio:

– Não pude deixar de reparar que a carta não tem remetente, doutora...

O mordomo também não deixou de reparar que, na era do fax e do mail, enviar uma carta tinha o seu quê de inadequado. Alguém

queria dar um toque de classe à coisa – ou atrasar a comunicação, por estar ciente de que a mensagem seria tudo menos bem recebida.

Mas este mordomo, que obviamente em vez de mordomo era assistente pessoal, era esse o termo agora em voga, não era um velho de fraque, dado a inconfiáveis, antes um jovem de camisa e gravata e ambições políticas, e sabia quando ficar calado, condição primeira para se ir longe.

Jovem, esperto, tão esperto quão ambicioso. E jovem. Já foi mencionado que o jovem assistente era jovem? Sim, este jovem e todavia já tão calculista assistente iria longe, se a sua empregadora se dispusesse, em tempos próximos, a dar o empurrão necessário.

Enquanto a mulher lia a carta, ele dirigiu o olhar, sinal de discrição, qual dirigível, para outra direcção – a estampa emoldurada por cima do aquário, a única cópia na casa, tanto quanto lhe era dado saber, entre todos os originais ou, no mínimo, serigrafias numeradas que habitavam as paredes do duplex. A imagem era muito conhecida, uma gravura antiga. Muito conhecida, bem entendido, para quem muito a conhecesse. O muito conhecimento, tal como o muito desconhecimento, sempre foi relativo. Uma onda estilizada crescendo, enorme e ameaçadora, sobre um barco de pescadores. O barco quase invisível passaria despercebido a quem não estivesse atento. O barco não era importante. A onda, essa, era importante. A onda era tudo, a onda era tudo.

A onda era tudo.

A sensação de perigo iminente vinha da onda, da onda sozinha, da onda crescendo, da onda em orla, em espiral, evoluindo sobre si mesma. Não era imagem que se pendurasse numa parede. Qual o interesse de colocar na parede uma gravura cuja mensagem era que vivíamos à beira do abismo, que de um momento para o outro a nossa vida podia ser transtornada, destroçada, feita em pedaços, rasgada por um qualquer tsunami, caprichoso como uma criança

rasgando papel? Qual o fascínio, sequer, de fazer um postal com esta imagem?

A mulher compreendia.

Era estranho, aguardava esta mensagem há meses e, vinda agora a resposta que receava, não a que esperava mas a que (pensando bem) era de esperar, a mulher não sabia o que sentia. Uma coisa tinha de admitir: este era, apesar de tudo, o desfecho mais lógico. Fim da história, ponto final, não mais fantasias idiotas. A culpa em parte era dela. Pusera uma esperança estúpida naquela conversa de ficção científica, embora parte de si nunca tivesse deixado de saber o óbvio. Que não podia ser: que os mortos não podiam ser ressuscitados. Nem mesmo no Japão, o país da futurologia amestrada.

Fosse o assistente um tudo-nada mais arguto e teria visto, nesse momento, a mulher abater-se ligeiramente, como um pugilista ao qual um soco traiçoeiro chocalhou o cérebro mas que ainda se aguenta de pé, as pernas não fraquejam.

*E agora?*, perguntou a mulher a si própria. Esperava sentir alívio, a sensação de perda mas, também, de se fechar uma porta, como os pais de crianças raptadas quando o corpo é enfim descoberto. Esperava sentir algum tipo de emoção que, pronto, correspondesse ao catálogo de emoções a sentir numa situação semelhante. Esperava chorar, o problema é que ela se treinara durante tanto tempo para controlar esse detalhe fisiológico feminino que acabara como certos homens: não conseguindo chorar, nem mesmo quando a ocasião pedia esse brinde.

O assistente olhava para a mulher. Pareceu-lhe que ela murmurou uma palavra, mais para ela do que para ele. Não a conseguiu perceber até ela a repetir:

– Não.

Não, lamento meus caros senhores, mas não aceito. Que carrossel, no último ano. Primeiro: perder o filho. Depois: ser informada de que havia uma hipótese, um milagre da religião em voga, a tecnologia. E, estupidamente, ganhar a esperança.

– Não.

Para *agora* perder de novo a esperança? Assim, com uma carta seca, ainda por cima enviada por um homem de mão?

– Não.

Não, assim não brinco. Fosse ela propensa a impropérios e diria: puta que os pariu. Como não era, não disse. Mas esta seria uma razoável tradução do que lhe ia na alma. Se é que ela tinha alma – havia opiniões em contrário, mas isso agora não interessa nada.

O assistente não gostava propriamente desta mulher. Poderia alguém gostar? Aprendera contudo a respeitá-la. À sua força, ao seu carácter, à sua inflexibilidade. Hoje em dia começava por fim a ser normal haver mulheres «na liderança», em todas as esferas sociais, mas esta afirmara-se num eixo espaço-temporal onde/quando isso ainda não era óbvio.

Todos lhe conheciam as histórias à boca fechada: e a merecidíssima reputação de ter sido implacável. Castrara rivais e adversários – a lenda dizia que a alguns mesmo literalmente. Pobres tipos, haviam-na subestimado, julgando lidar com uma mulherzinha que, ao mínimo susto, desabaria em lágrimas histéricas e se refugiaria na cozinha, a cobiçar, nervosa, os chocolates que a dieta não lhe permitia comer, por causa da linha. Ou algo do género. Tramavam-se sempre. Obviamente, isso nem precisaria de ser dito, ela era ainda mais implacável com os camaradas do que com os adversários. Um adversário era alguém que estava noutra grupo de interesses e com quem só se ia a votos ou a negociações de x em x tempo. Já um companheiro de partido era algo de muito pior: obrigava a um convívio diário e, o mais das vezes, era o nosso pior inimigo. Dormia na nossa cama, que remédio, como um marido, que remédio. Só que, no casamento, ao menos a partir de dada altura, o marido deixava de nos querer, hum, fazer amor.

O assistente não gostaria de vir a trair esta mulher, vendendo segredos aos rivais. Fá-lo-ia se a isso fosse obrigado, que remédio, uma pessoa não andava neste mundo para ver os outros; mas

evitá-lo-ia dentro dos limites do decoro. Até porque ela agora estava já meio retirada das lides, sendo mais uma senadora (uma tribuna do regime) do que a mulher de armas que, até há poucos anos, punha meio mundo em sentido. Tanto quanto humanamente possível, ele era leal e sabia que, até certo ponto, ela também confiava nele.

O assistente olhou para os peixinhos no pequeno aquário sob a gravura da onda. Pareciam *Betta Splendens*, os esplêndidos peixes siameses lutadores. Pacíficos, mas pusessem dois no mesmo aquário e lutariam até à morte. Estúpido, mas era assim: peixes que se odiavam a si próprios. Dizia-se (mas o assistente nisso já não acreditava tanto) que se vissem o próprio reflexo no vidro do aquário atirar-se-iam contra a própria imagem. O assistente sabia que, embora aqueles dois peixinhos parecessem *Betta*, não eram. A prova? Não se estavam a tentar massacrar mutuamente. Por outro lado... podiam ser *Betta Splendens* e não saberem que o eram. Ou então a mulher ter feito o impossível: domesticá-los.

Domesticar peixes lutadores? O assistente sorriu: isso sim, seria mais um passo para a lenda.

A mulher moveu a cabeça, as narinas fremiram, sinal de ter tomado uma decisão. O assistente não reparou, estava distraído, ou talvez tenha reparado, que ela guinou de direcção emocional. Num momento estava conformada, pronta a aceitar o óbvio. No momento seguinte, *este* momento seguinte, mudou de ideias.

A mulher olhou para aquele assistente de, tanto quanto possível, confiança:

– Ligue para o japonês.

O assistente não compreendeu:

– O... japonês?

– O número está na minha agenda – cortou a mulher. Mas logo reflectiu. – Não, deixe, que disparete, eu própria ligo.

O assistente pôs-se interiormente em sentido. Olá. Era a primeira vez em muitos meses que a ouvia dizer algo tão feminino como «que disparete».

Rui Zink

Mais do que isso: hesitar.

Mais do que isso: admitir um erro.

– Ligue-me antes para a agência de viagens – disse ela.

– Agora?

– Ontem.

## Um telemóvel no dojo

Miúdos descalços em casaco e calças brancas de algodão, com cintos de pano cru que iam do branco ao amarelo e do laranja ao verde, posições marciais, uma perna dobrada, a outra esticada, punho junto à cintura, ou ao cinto, bem fechado, o outro disparando um soco imaginário no queixo imaginário de um adversário imaginário. Para aí uns doze, muito sérios, muito queridos, no ginásio de uma escola C+S.

Os pais adoravam pôr os filhos no Karate, acreditavam que o Karate lhes proporcionava a disciplina que tanto lhes faltava. Os pais quase viam o instrutor de Karate como uma espécie de *dealer* legal, alguém que lhes fornecia o material de que os miúdos precisavam para se manterem acordados na luta pelo Futuro. Uma cadeira extra-curricular que os podia ajudar nos estudos, ensiná-los a terem mais confiança em si mesmos – e, já agora, melhor coordenação motora.

Eventualmente (e este era um outro motivo que os progenitores masculinos não confessavam) ensinar os miúdos a defenderem-se dos rufiões, tanto os que houvesse na escola como os que pululassem as ruas, compensando assim as humilhações que os pais tinham sofrido na adolescência e receavam ter secretamente transmitido aos filhos – a fraqueza – como uma deficiência genética hereditária.

O ginásio era multiusos e aquela aula até das mais fáceis de dar. Não exigia outro equipamento que o *Gi* (a que erradamente os